

## A economia gaúcha diante do cenário macroeconômico nacional e regional

The Gaúcha Economy in national macroeconomic view

*Jacqueline A. H. Haffner, Dra*

Curso de Ciências Econômicas

Universidade Luterana do Brasil

Rua Farroupilha 801, Prédio 6 sala 28, Fone 3477-9139, Canoas RS.

[jahaffner@excite.com](mailto:jahaffner@excite.com)

Área Temática: Macroeconomia Regional, Setor Externo e Finanças Públicas.

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo examinar o comportamento atual de alguns segmentos importantes da economia do Rio Grande do Sul (RS). Para tanto, identificam-se os principais fatores do desempenho da economia gaúcha no período recente. Esta análise fundamenta-se na política econômica adotada pelos governos estadual e federal em 2005, que tem impactado o comportamento recente da economia como um todo. Também se destacam os fenômenos climáticos recentes, geradores de graves prejuízos na economia do RS.

**Palavras-chave:** Economia do Rio Grande do Sul, política econômica, fenômenos climáticos.

### **Abstract**

The objective of the article is to examine the present behaviours of some important segments of the economy of *Rio Grande do Sul (RS)*. Therefore, the main points of the performance of the *gaúcha* economy in the recent period will be raised. This analysis will be based on the economic policy adopted by the government, both at the national and at the state levels, which

have caused impact on the recent behaviour of the economy as a whole. Also the recent climatic phenomena which generated severe damage to the economy of RS will be highlighted.

**Key words:** Economy of *Rio Grande do Sul*, economic policy, climatic phenomena.

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivido desde o último semestre de 2005 uma certa euforia diante dos recordes das exportações e dos crescentes superávits da balança comercial. Esses superávits, a despeito da tendência interrupta de apreciação da taxa de câmbio real a partir de meados de 2004, têm-se tornado um dos principais temas da conjuntura econômica atual, neste momento bastante peculiar vivido pelo país.

Observa-se que o clima de estabilidade econômica do final de 2004 gerou uma expectativa de continuidade de crescimento da produção em todo o país nos diferentes setores produtivos. Ou seja, pressupunha-se que, dentro desse quadro positivo, todos os setores da economia seriam beneficiados, assim como todos os Estados da federação. Constatou-se que esse clima de expectativas positivas, no entanto, não se verifica em todos os segmentos da economia: embora aqueles que orientaram de uma forma mais adequada sua produção estejam conseguindo exportar, alguns setores ora se encontram em declínio. Em termos gerais, a varolização do real vem alterando esse quadro de euforia, já que as empresas exportadoras do país, de modo geral, têm enfrentado problemas devido à valorização da moeda.

O Rio Grande do Sul, em harmonia com o cenário nacional, também alimentava boas perspectivas de crescimento contínuo. No entanto, a conjuntura antes exposta e as barreiras criadas pela política econômica têm dificultado o crescimento. Além disso, o Estado sofreu, no começo de 2005, uma estiagem prolongada que afetou diretamente a produção de grãos, problema que foi associado à queda de preços de diversas *commodities* agrícolas e também à restrição de crédito de ICMS. Dessa forma, constatou-se que os cenários nacional e regional vêm afetando significativamente a economia gaúcha.

## 2 O CENÁRIO NACIONAL

A indústria nacional, alinhada aos demais segmentos da economia, tem sofrido oscilações, em consonância com os movimentos do mercado globalizado, decorrentes das altas e baixas do dólar, das políticas americanas para aquecer e desaquecer sua economia e dos recentes mecanismos resultantes das relações com o bloco asiático, em especial com a

China, que vem comportando-se como uma grande locomotiva que, em conjunto com a economia norte-americana, direciona os rumos da economia internacional.

Há um consenso em torno de que o crescimento da economia mundial continua bastante alto, o que faz o crescimento das economias avançadas e a liquidez internacional afetarem positivamente os países em desenvolvimento. Contudo, esse contexto positivo pode ser modificado pelos efeitos do aumento da taxa de juros norte-americana, pela alta do preço do petróleo e, ultimamente, pelos fenômenos climáticos que afetaram o Sul dos Estados Unidos.

O efeito do crescimento da economia mundial pode ser avaliado como positivo no fluxo de comércio das economias em desenvolvimento. De qualquer forma, mesmo com as expectativas positivas dos resultados do comércio internacional, pode-se apontar uma desaceleração no crescimento de 2004 para 2005 de 5,1% para 4,3% do PIB, segundo estimativas do FMI.

Ao que tudo indica, o bom comportamento da economia internacional continua a ser um dos elementos importantes para explicar a trajetória positiva do setor externo brasileiro. O Brasil, nessa conjuntura, tem-se beneficiado da situação atual, em que a liquidez internacional proveniente de um excesso de poupança mundial favorece as exportações brasileiras. Dessa forma, no âmbito interno, pode-se observar que o resultado comercial do país segue positivo, e as estimativas para o superávit no fim do ano de 2005 já superam os US\$ 40 bilhões. A valorização recente do real parece não estar impedindo o bom desempenho das contas externas brasileiras.

Segundo a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS), é possível citar alguns fatores que mantêm as exportações em alta: o incremento dos preços internacionais; o crescimento da renda mundial; a intensidade do comércio mundial; os contratos realizados em períodos anteriores; a capacidade do empresário de suportar menor rentabilidade (apostando que esta seja temporária), e a produção mais voltada à exportação.

Mesmo assim, com essa conjuntura favorável, e com o grande volume de exportações brasileiras, observa-se que a valorização do real tem afetado os empresários de menor porte, já que as empresas de grande porte, desde o início do processo de abertura do país, conseguiram adequar sua produção e tornaram-se mais competitivas. Nesse quadro, supõe-se que muitas empresas não consigam sustentar a situação por muito tempo. Com a valorização do real, as

empresas tornaram-se menos competitivas no mercado internacional pela valorização dos produtos nacionais e, por outro lado, passaram a competir com produtos importados que conseguem entrar no país a preços mais baixos. Esse cenário macroeconômico que tem vivido o país no período recente tem obrigado muitas empresas a diminuir a produção, demitir funcionários e até fechar as portas.

Avaliando-se a performance da atividade industrial no primeiro semestre de 2005, verifica-se que, no primeiro trimestre, a indústria desponta com forte crescimento, o qual, já no segundo trimestre, diante da situação de aperto monetário, tem feito o resultado de crescimento desse setor não se apresentar homogêneo, em contraponto a períodos anteriores.

Considerando a produção industrial, segmentada por categoria de uso, constata-se que, no acumulado do período de janeiro a abril de 2005, os bens de consumo, comparados com as demais categorias, apesar do aperto monetário apresentaram a maior taxa de crescimento, ou seja, 7,72%. Nessa categoria, destacaram-se, também, os bens de consumo duráveis (como veículos automotores e equipamentos de transporte não-industrial), que revelaram um interessante resultado, com taxa de 13,54%, e, ainda, os bens de consumo não-duráveis, destacando-se, entre estes, a gasolina e o álcool hidratado, que atingiram 9,71% nesse período.

Em contrapartida, o exame do desempenho das demais categorias da produção industrial sinaliza uma tímida performance no mesmo período, registrando uma taxa de 2,76% para bens de capital e uma taxa de 2,10% para bens intermediários.

Registre-se que um dos fatos geradores do bom resultado na categoria “bens de consumo” é decorrente do comportamento das exportações e do aumento de crédito no sistema financeiro nacional.

Da análise da evolução da produção industrial, segmentada por categoria de uso, no período de setembro de 2002 a abril de 2005, observam-se três comportamentos distintos na indústria:

- a) A produção de bens de capital é a categoria que apresenta os piores resultados nos últimos meses. Em outubro 2004, batia um pico de 22% de crescimento acumulado em 12 meses, ocorrendo nos meses subsequentes uma reversão dessa tendência, num ritmo de queda que resultou, em abril 2005, num crescimento de 13%, sendo, portanto, previsível um forte recuo na formação bruta de capital fixo.

- b) A categoria de bens intermediários e de bens de consumo duráveis apresentou estabilidade da produção nos últimos meses. Cabe ressaltar o patamar elevado alcançado pela categoria de bens de consumo duráveis.
- c) Houve aumento de produção também na categoria de bens de consumo semiduráveis e não-duráveis. Há tendência de crescimento na produção, que persiste ao longo de mais de 12 meses.

Na Tabela 1, podem ser observados os dados referentes às exportações por segmento da indústria em milhões de dólares, dados esses que podem melhor elucidar o que vem sendo discutido ao longo do artigo.

**Tabela 1**  
**Exportações brasileiras por segmento da indústria (US\$ milhões)**

| Gênero da indústria                | Jan. -maio 2004 | Part. (%) | Jan. -maio 2005 | Part. (%) | Var. (%) | US\$ milhões |
|------------------------------------|-----------------|-----------|-----------------|-----------|----------|--------------|
| Alimentos e bebidas                | 5.926,5         | 17,4      | 7.423,7         | 17,1      | 25,3     | 1.497,1      |
| Material de transporte             | 4.770,9         | 14,0      | 6.361,8         | 14,6      | 33,3     | 1590,9       |
| Metalurgia básica                  | 3.739,0         | 11,0      | 5.410,7         | 12,4      | 44,7     | 1.671,7      |
| Extração mineral                   | 2.956,7         | 8,7       | 4.023,3         | 9,3       | 36,1     | 1.066,7      |
| Máquinas e equipamentos            | 2.069,5         | 6,1       | 2.771,0         | 6,4       | 33,9     | 701,5        |
| Química                            | 1.958,6         | 5,8       | 2.706,4         | 6,2       | 38,2     | 747,7        |
| Material elétrico e de comunicação | 1.155,7         | 3,4       | 2.028,7         | 4,7       | 75,5     | 873,0        |
| Couros, artefatos e calçados       | 1.294,5         | 3,8       | 1.405,3         | 3,2       | 8,6      | 110,8        |
| Celulose e papel                   | 1.168,3         | 3,4       | 1.334,4         | 3,1       | 14,2     | 166,2        |
| Madeira                            | 1.064,4         | 3,1       | 1.270,1         | 2,9       | 19,3     | 205,7        |
| Indústrias diversas                | 955,6           | 2,8       | 1.224,9         | 2,8       | 28,2     | 269,3        |
| Refino de petróleo                 | 765,1           | 2,3       | 933,9           | 2,1       | 22,1     | 168,8        |
| Borracha e plástico                | 530,5           | 1,6       | 657,0           | 1,5       | 23,8     | 126,5        |
| Têxteis                            | 524,5           | 1,5       | 597,3           | 1,4       | 13,9     | 72,8         |
| Produtos de metal                  | 336,6           | 1,0       | 467,5           | 1,1       | 38,9     | 131,0        |
| Fumo                               | 362,1           | 1,1       | 413,0           | 0,9       | 14,1     | 50,9         |
| Móveis                             | 339,3           | 1,0       | 406,1           | 0,9       | 19,7     | 66,8         |
| Vestuário e acessórios             | 130,3           | 0,4       | 143,4           | 0,3       | 10,0     | 13,1         |
| Total da indústria                 | 30.048,1        | 88,4      | 39.578,6        | 91,0      | 31,7     | 9.530,5      |

Fonte: MDIC/Secex. Elaboração: Assessoria Econômica FIERGS.

Analisando esses dados em uma perspectiva favorável para a economia brasileira, em que o mercado internacional encontra-se aquecido e há grande liquidez, pode-se esperar que esse quadro não permaneça assim por muito tempo, já que existe uma grande vulnerabilidade nesse cenário, pela alta dependência que se cria em torno desse comportamento do comércio internacional. Nesse sentido, podem-se apontar os desequilíbrios macroeconômicos da

economia norte-americana, os preços do petróleo, os desequilíbrios da economia chinesa como as principais causas que poderiam criar instabilidade na economia internacional, pois grande parte da produção nacional é exportada para esses grandes mercados. Também é importante considerar que esses desequilíbrios poderiam levar à redução da liquidez global, o que afetaria diretamente a economia nacional. Também se deve avaliar a questão energética, pelo fato de o Brasil ser dependente da importação de petróleo, matéria-prima que, na atual conjuntura de incerteza internacional quanto à paz no Iraque, de diminuição da produção por parte da OPEP e da Venezuela, pode sofrer graves desequilíbrios em seu fornecimento. Sendo assim, com o aumento do preço desse produto, espera-se que toda a cadeia produtiva nacional seja afetada.

Internamente, dentro dessa conjuntura, pode-se esperar um cenário industrial restrito, já que as condições externas são complexas e as internas tendem a criar um clima pouco favorável ao setor industrial. Como descrito anteriormente, podem-se apontar como fatores relevantes a esse cenário a desvalorização cambial, que tem favorecido a entrada de alguns produtos no país, propiciando um aumento nas importações e, conseqüentemente, prejudicando as exportações, o baixo nível de investimentos produtivos, decorrentes da alta taxa de juros e o baixo nível de consumo interno que está relacionado com os problemas da renda e do emprego.

### **3 O CENÁRIO REGIONAL**

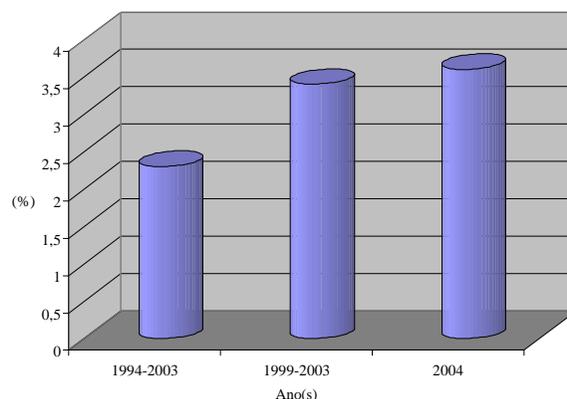
Inicialmente, há que se inserir no contexto histórico a atividade industrial gaúcha. Ao longo do século XX, a indústria gaúcha consolidou-se de forma periférica e subordinada. Inicialmente não teve acumulação suficiente, como aconteceu com a paulista, e seu mercado de trabalho apresentou-se limitado, fatores esses que contribuíram para a sua formação diferenciada, ligada fortemente à agropecuária. Em razão disso, tornou-se dependente do mercado interno brasileiro, pois se especializou no beneficiamento de alimentos. Essa característica perdurou ao longo do século XX, enquanto a indústria paulista especializava-se na produção de bens de capital e bens de consumo duráveis, favorecida pela política econômica do governo federal. Essa parece ter sido a razão principal para o distanciamento entre os dois parques industriais. O Rio Grande do Sul inseriu-se nos ciclos da economia brasileira através da produção de bens de consumo que agregam pouco valor, reforçando os

laços de subordinação com o modelo hegemônico.

Em linhas gerais, ao longo do século XX, a indústria no Rio Grande do Sul acompanhou o ritmo do crescimento nacional. Sofreu as oscilações decorrentes das variantes políticas, dos “choques governamentais”, as influências do mercado globalizado e, em especial, enfrentou os desafios determinados pelos fenômenos sazonais da natureza, como períodos de intensa estiagem, períodos de vendavais, tufões, enchentes, etc.

Analisando a economia gaúcha na atualidade, pode-se observar, no primeiro semestre de 2005, um fraco desempenho, em total contraponto à performance da atividade industrial registrada em 2004. No Gráfico 1, podem-se observar dados referentes à evolução do PIB do RS em períodos selecionados. É importante destacar que, apesar de um crescimento inferior ao de 2003 (5,4%), o crescimento médio do Estado em 2004 foi superior ao crescimento médio de 2,3% verificado nos últimos 10 anos, sendo que, entre 1994–2003, o crescimento foi de 2,3%; entre 1999–2003, de 3,4%, e, em 2004, de 3,6%.

Gráfico 1: Taxas médias de crescimento do PIB do RS.



Fonte: FEE/NCS.

O cenário atual da economia gaúcha é decorrente de uma seqüência de fatos e fenômenos contundentes que impactaram negativamente no Estado, que vinha de um

desempenho favorável em 2004. Tais acontecimentos podem ser assim expressos:

1. O aperto monetário promovido pelo governo, que provocou a redução da demanda industrial;
2. A política de valorização do câmbio;
3. A ocorrência de uma das piores secas dos últimos anos, acarretando graves prejuízos ao setor agrícola e impactando indiretamente em vários gêneros da indústria;
4. O aumento das alíquotas do ICMS, no final de 2004;
5. As restrições de créditos de exportações;
6. O aparecimento de surtos de febre aftosa, que comprometeu o setor de carnes, um dos mais importantes para o Estado.

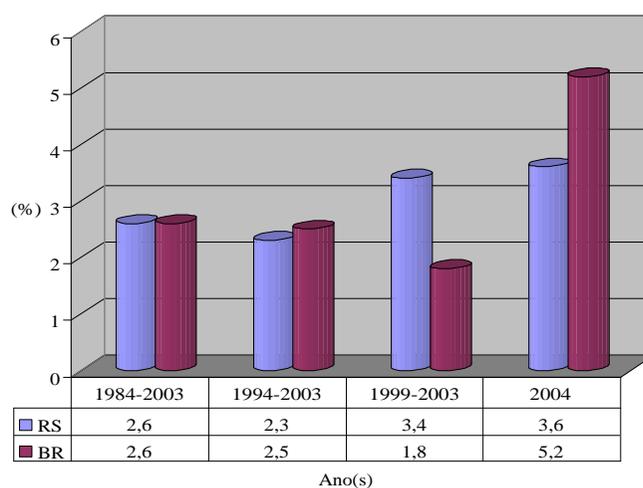
Atualmente, conforme dados do IBGE, a indústria de transformação gaúcha vem apresentando uma queda acumulada de 3,6% ao ano, e os resultados mais negativos para o período são encabeçados pelas indústrias de mobiliário, máquinas e equipamentos, fumo e refino de petróleo.

Dados do IBGE apontam que as taxas de crescimento comparativas entre janeiro e maio de 2005 são inferiores às do mesmo período de 2004; no Estado do Rio Grande do Sul, todos os setores da economia cresceram menos que os seus iguais do resto do país. Esse comportamento deve-se basicamente à queda nas exportações dos produtos básicos, afetados pela estiagem que comprometeu importantes produtos exportáveis do RS.

Observando-se o desempenho das vendas no Estado, abertas por categoria de uso, constata-se que apenas as vendas de bens de capital encontram-se abaixo da média do setor. O melhor desempenho está concentrado nas vendas de bens intermediários, destacando-se ônibus, reboques, semi-reboques e ar-condicionado.

No Gráfico 2, são apresentados dados referentes às taxas de crescimento do PIB do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Gráfico 2: Taxas de crescimento do PIB do Rio Grande do Sul e do Brasil.



Fonte: FEE

Pelo Gráfico 2, pode-se observar que o crescimento do Estado em 1984 foi igual ao nacional; em 1994, inferior; em 1999, superior, e, em 2004, novamente inferior. O Rio Grande do Sul exportou em 2004 um total de US\$ 9,9 bilhões – cerca de US\$ 120 milhões a menos que Minas Gerais. O desempenho abaixo da média deveu-se, especialmente, aos problemas enfrentados pela soja, um dos principais produtos de venda externa do Estado. As exportações do complexo soja (grãos, farelo e óleo) tiveram uma queda acentuada. O grão de soja teve um recuo de 94,68% em suas vendas externas; o farelo caiu em 25,60%, e o óleo bruto, 9,31%. A seca dizimou boa parte das plantações gaúchas, cerca de 40% do que havia sido plantado. Dessa forma, nem os bons preços praticados no primeiro semestre de 2004, período de maior comercialização da safra, conseguiram salvar a lavoura.

A Tabela 2 apresenta dados referentes às exportações do Rio Grande do Sul no setor agrícola e industrial entre os anos de 2004 e 2005.

**Tabela 2**  
**Exportações, segundo as seções da CNAE, do Rio Grande do Sul – jan. -nov. 2005**

| SETORES  | VALOR<br>(US\$ 1.000) | PARTICIPAÇÃO<br>(%) | VARIACÃO (%)   |                |             |
|--|-----------------------|---------------------|----------------|----------------|-------------|
|  |                       |                     | Jan. -nov. /05 | Jan. -nov. /04 |             |
|  |                       |                     | Valor          | Volume         | Preço       |
| Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal | 1.399.704             | 14,80               | -29,7          | -36,6          | 10,9        |
| Indústrias de transformação                                | 7.914.761             | 83,69               | 14,7           | 2,2            | 12,2        |
| Outros   | 142.802               | 1,51                | ...            | ...            | ...         |
| <b>TOTAL</b>   | <b>9.457.268</b>      | <b>100,00</b>       | <b>5,0</b>     | <b>-6,4</b>    | <b>12,2</b> |

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Secretaria do Comércio Exterior/Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Analisando as exportações setoriais do Estado entre os anos de 2004 e 2005, apresentadas acima, podemos observar que houve uma variação negativa nas exportações. Os setores mais prejudicados foram os de agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal. Esses resultados são consequência dos aspectos apresentados até aqui e da questão climática, que tem sido uma constante no Estado.

Os problemas climáticos também afetaram significativamente o desempenho industrial. O setor que se saiu pior foi o de máquinas e equipamentos (-21,61%), que no Estado está representado, basicamente, por máquinas agrícolas e tratores. Esse setor, além de ter sido afetado pela seca, ainda foi prejudicado pela taxa de juros e pela desvalorização cambial.

É importante ressaltar que a questão cambial tem afetado de forma expressiva o desempenho da economia gaúcha pela participação importante que tem o setor exportador na economia do Estado, ou seja, qualquer movimento nesse sentido afeta significativamente os resultados positivos ou negativos do comércio externo regional.

Na Tabela 3, podem ser observados dados referentes ao comportamento das

exportações nos diferentes Estados brasileiros no período de janeiro a maio de 2004 e janeiro a maio de 2005. Também são apresentados dados sobre o crescimento das exportações e a participação dos diferentes Estados nas exportações totais do país.

**Tabela 3**  
**Principais Estados exportadores**

| Estado            | Jan. -maio/04<br>US\$ milhões | Jan. -maio/05 US\$<br>milhões | Crescimento % | Crescimento<br>US\$ milhões | Participação (%)<br>2004 | Participação (%)<br>2005 |
|-------------------|-------------------------------|-------------------------------|---------------|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| São Paulo         | 11.118                        | 13.915                        | 25,2          | 2.797                       | 32,7                     | 32                       |
| Minas Gerais      | 3.566                         | 5.159                         | 44,7          | 1.593                       | 10,5                     | 11,9                     |
| Rio Grande do Sul | 3.649                         | 3.864                         | 5,9           | 215                         | 10,7                     | 8,9                      |
| Paraná            | 3.244                         | 3.798                         | 17,1          | 554                         | 9,5                      | 8,7                      |
| Rio de Janeiro    | 2.184                         | 2.809                         | 28,6          | 626                         | 6,4                      | 6,5                      |
| Santa Catarina    | 1.729                         | 2.166                         | 25,2          | 437                         | 5,1                      | 5,0                      |
| Espírito Santo    | 1.510                         | 2.098                         | 39,0          | 588                         | 4,4                      | 4,8                      |
| Pará              | 1.220                         | 1.857                         | 52,3          | 638                         | 3,6                      | 4,3                      |
| Bahia             | 1.229                         | 1.849                         | 50,5          | 621                         | 3,6                      | 4,3                      |
| Mato Grosso       | 1.161                         | 1.510                         | 30,1          | 349                         | 3,4                      | 3,5                      |
| Subtotal          | 30.608                        | 39.024                        | 27,5          | 8.417                       | 90,1                     | 89,8                     |
| Total Brasil      | 33.979                        | 43.471                        | 27,9          | 9.492                       | 100,0                    | 100,0                    |

Fonte: MDIC/Secex. Elaboração: Assessoria Econômica FIERGS.

Analisando as exportações do Rio Grande do Sul, pode-se avaliar que o melhor desempenho setorial foi o de calçados, cujas exportações, mesmo com a valorização cambial, aumentaram 7,93%. Os efeitos da valorização do real foram sentidos, principalmente, nas exportações para os EUA, que caíram 8,82%, e para Argentina, que recuou 4,74%. Em contrapartida, houve um aumento nas exportações para a Europa de 55,08%. Esse forte crescimento deveu-se à desvalorização do dólar em relação ao euro.

Com relação às importações, o Estado desembolsou US\$ 3,67 bilhões nos primeiros sete meses de 2005, um crescimento de 30,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Os itens que puxaram o crescimento das importações foram os de bens de capital (95%) e combustíveis (37%). O saldo comercial ainda é favorável aos gaúchos, em US\$ 2,16 bilhões, resultado um pouco inferior ao de 2004, que foi de US\$ 2,65 bilhões.

Embora haja divergências sobre o nível de emprego industrial agregado, as pesquisas detectaram fechamento de vagas em 2005 em setores que tradicionalmente empregam muita mão-de-obra, como o de metalurgia, mecânica, mobiliário e calçados. Esse comportamento reflete a conjuntura econômica adversa decorrente da estiagem e da taxa de câmbio valorizada agravada pelas alterações na legislação do ICMS que restringiu as compensações de créditos

aos exportadores.

#### **4 CONCLUSÃO**

Os atuais indicadores das exportações e os saldos da balança comercial podem ser favoráveis às contas nacionais, mas significarem grande prejuízo às exportações. Dados preliminares sobre a indústria já apontam uma trajetória declinante. Espera-se que o crescimento da indústria fique em 2,5% em 2005, bem inferior ao crescimento de 8,3% de 2004.

O comportamento da política monetária aponta para a manutenção do aperto monetário, o que deverá impactar na valorização da taxa de câmbio e no aumento do superávit primário. Nesse caso, a lenta redução da demanda interna para produtos relacionados à indústria de bens de capital e de consumo duráveis deverá ensejar uma queda na produção dessas categorias.

Já a despeito da elevação dos juros, o estoque de crédito direcionado a pessoas físicas ainda deverá apresentar crescimento, mesmo em menor ritmo. Logo, a demanda por bens de consumo semiduráveis e não-duráveis deve contribuir para a estabilização da produção nessa categoria. Podemos dizer também que, no cenário brasileiro, a política monetária econômica com valorização da taxa de câmbio e elevações dos juros aponta para a lenta redução de consumo de produtos relacionados a bens de capital, e de consumo duráveis, e crescimento na demanda por bens de consumo semiduráveis e não-duráveis.

O Rio Grande do Sul, mesmo que os índices ainda sejam nacionalmente favoráveis, vem enfrentando as conseqüências dessa variação cambial na diminuição de oferta de empregos, principalmente nos setores calçadista, metalúrgico, mecânico e mobiliário. Vale ressaltar que o Estado vive uma situação diferenciada do restante do país, pois foi sobrecarregado também pela última estiagem e pelas alterações na legislação do ICMS, que restringiu as compensações de créditos aos exportadores. Também podemos observar que os juros altos fizeram com que a demanda por bens de capital ficasse abaixo da média do setor no Estado. No caso do setor de bens de consumo (duráveis, semiduráveis e não-duráveis), já se pode considerar desaceleração em suas demandas, isso devido às altas taxas de juros. O melhor desempenho no Estado aparece na demanda por bens intermediários.

Em suma, fatores de natureza real e financeira estão fazendo com que as exportações mantenham-se num patamar elevado, compensando assim o problema cambial que vive o país. O Rio Grande do Sul, na esteira dos acontecimentos, tem-se visto bastante afetado pela atual conjuntura econômica e encontra-se na expectativa de como poderá reverter o quadro e voltar a crescer.

No momento do fechamento deste artigo, a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul publicou dados sobre o PIB estadual e o seu desempenho no ano de 2005. Pelas estimativas da Fundação, o PIB Gaúcho sofreu uma queda de 4,8% nesse último ano e ocupa o quarto lugar no *ranking* nacional. O PIB total soma R\$ 152,7 bilhões, e o PIB *per capita* caiu 5,8%. Com esses dados, pode-se confirmar todo o quadro conjuntural que foi descrito ao longo deste artigo, em que foram apresentadas as principais causas da queda do desempenho da economia do Rio Grande do Sul, motivos esses de ordem nacional, estadual e climática que têm feito com que o Estado perca participação nacional e amargue resultados negativos em sua economia.

## REFERÊNCIAS

AMITRANO, Cláudio R. Crescimento do PIB e investimento: mudanças nos rumos ou janela de oportunidade?. *Boletim Semestral de Estudos de Conjuntura Econômica do Instituto de Economia da UNICAMP - política econômica em foco*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 15 de setembro 2005.

BALANÇO do primeiro semestre de 2005: assessoria econômica. Porto Alegre: FIERGS/CIERGS, 2005.

BELUZZO, Luiz G.; CARNEIRO, Ricardo. A insustentável leveza do crescimento. *Boletim Semestral de Estudos de Conjuntura Econômica do Instituto de Economia da UNICAMP - política econômica em foco*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, maio/out. 2004.

BENETTI, Maria D. A agricultura Gaúcha em 2004. Feliz 2005! *Indicadores Econômicos FEE*. Porto Alegre: FEE, v.32, n.4, 2005.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Exportações gaúchas no primeiro semestre. Carta de conjuntura FEE. Porto Alegre: FEE, maio de 2005.

\_\_\_\_\_. Indústria gaúcha em estado de alerta. Carta de conjuntura FEE. Porto Alegre: FEE, julho de 2005.

\_\_\_\_\_. Estatística FEE: PIB estadual – desempenho anual. Porto Alegre: FEE, janeiro de 2006.

LOPREATO, Francisco Luiz C. Rumos da política fiscal. *Boletim Semestral de Estudos de Conjuntura Econômica do Instituto de Economia da UNICAMP - política econômica em foco*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 31 de agosto de 2005.

PRATES, Daniela M. O desempenho recente das exportações: fatores reais *versus* financeiros. *Boletim Semestral de Estudos de Conjuntura Econômica do Instituto de Economia da UNICAMP - política econômica em foco*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 23 de setembro 2005.

SCHETTERT, Maria Conceição. Desempenho da economia gaúcha em 2004. *Indicadores econômicos FEE*. Porto Alegre: FEE, v.32, n.4, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Carta de conjuntura do Núcleo de Análise de Política Econômica (NAPE) jul./ago./set. Porto Alegre, 2005. 37 p.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.